



PRATA DA CASA

Abel Neto faz 20 anos de jornalismo em 2017. Filho de Abel, histórico jogador do Santos, ele relembra o tempo em que foi professor, teve banda e fala da tragédia da Chapecoense

Estamos acostumados com Abel entrando em nossas casas, com seu jeito simpático e tranquilo, principalmente nas transmissões dos jogos de futebol e nas matérias que faz para o *Globo Esporte* – programa em que também exerce o papel de substituto do apresentador, Ivan Moré. Mas o que muita gente não imagina é que, antes de passar pela TV *Tribuna* e ir para a Globo São Paulo, o santista de 46 anos trabalhou como professor de inglês por quase uma década e, acredite, já foi vocalista da banda de reggae Casa Rasta, que, por quatro anos, se manteve como uma das atrações cativas das quintas do Torto Bar. As informações curiosas não param por aí. Embora muitas pessoas saibam que ele é filho do lendário jogador do Peixe Abel, não é todo mundo que lembra de Abel Neto jogando basquete pelo Clube Internacional de Regatas. Sem contar que já fez testes para o Santos e a Portuguesa Santista e chegou a entrar em campo vestido de mascote, em uma das partidas que o pai disputou pelo Atlas, no México. Na entrevista a seguir, Abel detalha outras passagens interessantes de sua vida, fala dos filhos, Davi (5 anos) e Vitor (9), e se emociona ao comentar como foi a cobertura da tragédia com o avião que levava a Chapecoense. Ele só não abre qual é o seu time do coração. “Sou TV Globo Futebol Clube. Não posso torcer para

ninguém. Mesmo assim, tem muita gente que diz que sou santista, porque meu pai foi do time. Outros afirmam que sou corintiano, pois trabalho na Globo. Então que continue desse jeito”, despista.

PROFISSÃO Por ter acesso a jogadores e viver o dia a dia dos clubes, muitas pessoas devem achar que existe um certo glamour em torno do seu trabalho, não é? Sinceramente, não vejo glamour na profissão. Acho que é uma carreira como qualquer outra, que tem o lado bom e o ruim. Mas há quem comente: “Você fica dentro do campo! Nossa! Que legal!” Na realidade, mesmo que eu goste de futebol, estou lá a trabalho, não por diversão. Lógico, é um prazer fazer o que estudei, só que acaba sendo totalmente diferente de

quando a gente vai ao estádio ou assiste ao jogo pela TV sem preocupação. O jornalista esportivo trabalha tanto ou mais do que os de outras áreas: de segunda a segunda, em feriados, por horas e horas, muitas vezes tendo de viajar e ficar longe da família... Quem tem essa visão glamourizada do jornalismo não tem ideia do que é a profissão. É preciso trabalhar bastante, ter garra, se entregar e amar aquilo, senão você não vai em frente.

Quais foram as coberturas mais marcantes?

O sonho de quase todo jornalista esportivo é participar da cobertura de grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Já estive em três Copas: a da Alemanha em 2006, a da África do Sul em 2010 e a do Brasil em 2014. E em duas Olimpíadas: de Pequim, na China, em 2008 e agora neste ano no Brasil. Para mim, as Olimpíadas são um pouco mais marcantes, porque você vê muito mais emoção dos atletas e do público. Desde o primeiro dia, já há mata-mata, entrega de medalhas, gente no pódio e atletas comovidos com sua vitória ou derrota. Enquanto na Copa do Mundo, a emoção começa para valer mais tarde, nas oitavas de final, que são as fases eliminatórias.

O que achou do desempenho do Brasil como sede desses eventos?

Em termos de organização, o nível foi altíssimo. Obviamente que tivemos problemas e atrasos nas construções de estádios e arenas, mas, em geral, nosso desempenho como sede tanto da Copa quanto da

“O desempenho do Brasil como sede da Copa do Mundo e da Olimpíada foi muito bom”



“Por mais que se fale em mudança, o negro ainda é muito pouco representado na TV”

contra o São Paulo no Morumbi e fui para o hospital, onde fiquei entrando ao vivo até a madrugada, quando dei a notícia de que o Serginho havia falecido. Vi ali, de perto, o desespero da família dele.

TRAGÉDIA Como o acidente de avião envolvendo a Chapecoense repercutiu na redação da Globo, ainda mais que alguns jornalistas também morreram nesse incidente?

Em 2017, completo 20 anos de profissão. Se esse dia não foi o mais triste da minha carreira, com certeza foi um dos mais tristes. Além de nos sensibilizarmos, como todo mundo, com a morte trágica do time, da sua equipe técnica e do resto da tripulação, para nós, jornalistas esportivos, também foi muito duro ver que colegas, não só da Globo como de outros meios de comunicação, se foram em algo que todos nós fazemos com frequência: viajar para acompanhar uma equipe em uma competição. Entre as perdas destaco a do Ari Júnior, repórter cinematográfico que, antes de ir para a Globo Rio, trabalhou mais de dez anos com a gente em São Paulo.

Eram muito amigos?

Sim. Foram várias coberturas, viagens, risadas e cervejas juntos. Inclusive, cheguei a ir com ele para Medellín, na Colômbia, para fazer uma matéria para o *Esporte Espetacular*. Essa é uma imagem que não sai da minha cabeça. O Ari era um dos caras mais legais que conheci. Ele deixou mulher, filho... Fiquei praticamente dois dias – terça e quarta – chorando o tempo inteiro. Na terça, tive

Olimpíada foi muito bom. Prova disso é que a maioria dos atletas estrangeiros e das pessoas que vieram de fora para acompanhar as disputas aprovou o que fizemos. OK, aqui não foi perfeito, só que nunca é perfeito em nenhum lugar do mundo. Lembro que as pessoas ficaram com o pé atrás: “Será que o Brasil vai conseguir?” Foi como aconteceu com a África do Sul.

Que lembranças especiais guarda das Copas e Olimpíadas que você cobriu?

Tive a chance de ver a Maurren Maggi ganhar ouro (do salto em distância) em Pequim. Aquilo me

emocionou muito, porque acompanhei boa parte da carreira dela e aquele era o auge daquela atleta, depois de ter enfrentado o problema de doping e ficado afastada do esporte por um tempo. Em Pequim, também pude assistir, ao vivo, ao surgimento do [velocista] Usain Bolt para o mundo. E há várias outras coberturas que me marcaram, como as de campeonatos Paulista, Brasileiro e Libertadores, por exemplo.

Pode citar um desses casos?

Foi muito difícil cobrir a morte do Serginho, zagueiro do São Caetano, em 2004. Estava no jogo do time

que fazer reportagem sobre o acidente para o *Jornal Nacional* e alternei os momentos de concentração para conseguir gravar o material e escrever o texto com instantes aos prantos. Na redação, muita gente também não parava de chorar. E, na hora do *Jornal Nacional*, todo mundo desabou. É difícil explicar o que estou sentindo até agora.

Isso o faz pensar sobre a fragilidade da vida, em como tudo pode acabar de repente?

Exatamente. Sem falar que, desde que os meus filhos nasceram – tenho um de 5 anos e outro de 9 –, toda vez em que pego um voo, principalmente mais longo, fico apreensivo por causa deles. E agora, depois dessa tragédia, vou ficar ainda mais tenso.

FAMÍLIA Sua mulher, Mariliz Torres, também é jornalista e de Santos?

Sim. Nos conhecemos durante o curso na Universidade Católica de Santos (UniSantos). Começamos a namorar em 94 e, hoje, a Mariliz é assessora de imprensa em São Paulo. Na época, tive que trancar a faculdade de Jornalismo do terceiro para o quarto ano, porque, como dava aula de inglês e tinha o certificado de proficiência no idioma, conseguiria tirar o diploma de Letras no prazo de um ano, desde que fizesse adaptações das matérias. No ano seguinte, concluí Jornalismo.

Onde você deu aulas de inglês?

Foram oito ou nove anos de Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU). Também fui professor por quase um ano do cursinho do Anglo, quando ele era junto com o Universitas na Ponta da Praia, e trabalhei no colegial e no cursinho do COC Universitário de São Bernardo do Campo. Comecei a dar aulas com 18 anos. Lecionava de manhã e à tarde e fazia faculdade à noite. Esse foi o tipo de esforço que nos ensina a dar valor às coisas. Ainda mais que era um período em que tive que assumir as despesas dos meus estudos,

“Meu pai foi um grande jogador, defendeu o Santos e a Seleção, mas não ficou rico”

pois a situação estava apertada para os meus pais.

Hoje, os jogadores de futebol conseguem ganhar bastante dinheiro com o esporte. Mas, na época do seu pai, não era assim. É verdade, era bem diferente.

Meu pai foi um grande jogador, defendeu o time histórico do Santos com Pelé e companhia e a Seleção Brasileira, mas não ficou rico. Até hoje, graças a Deus, ele mantém uma boa condição de vida. E consegui criar os quatro filhos, o que não é fácil (Abel tem

de até ter entrado de mascote em uma partida, quando meu pai estava no Atlas, em Guadalajara. Alguns anos depois, ainda o acompanhei em algumas partidas do time de veteranos do Santos por lugares como o interior do Estado.

Tentou ser jogador?

Particpei do time de basquete do Clube Internacional de Regatas, mas tive de deixar a equipe, pois meu pai foi trabalhar como técnico no Qatar, no Oriente Médio, e a família se mudou para lá com ele. Quando moleque, também gostava muito de bater uma bola na rua e na praia. Ainda adolescente, fiz testes para a Portuguesa Santista e para a categoria de base do Santos. Decidi não ir adiante, porque me faltava talento e meu pai sempre dizia para estudar e não pensar em futebol. Hoje, me limito a correr (6 km) e praticar musculação, para manter a forma e cuidar da saúde.

TRANSIÇÃO Sempre desejou ser jornalista?

Quando fui fazer cursinho, ainda estava em dúvida sobre a profissão que iria seguir. Prestei vestibular para Psicologia e Jornalismo, aí passei para Jornalismo. Lembro que, desde pequeno, gostava muito de ler jornal. Tanto é que, aos 6 anos, pedi para que o meu pai me ensinasse a ler, para que pudesse acompanhar as notícias de esportes, e aprendi o básico com ele, antes de ser alfabetizado na escola. Esse interesse pelos esportes, em especial pelo futebol, obviamente se deve ao meu pai, à minha família.

Você se imaginava trabalhando na televisão?

Eu achava difícil isso acontecer, porque, por mais que se fale em mudança, o negro ainda é muito pouco representado na TV. Nos anos 90, quando comecei na profissão, então, era pior. Havia

uma irmã mais velha e dois irmãos gêmeos). Inclusive, apenas pude dar aula de inglês, porque meus pais custearam o tempo em que fiquei estudando na Inglaterra e depois quando voltei e terminei a Cultura Inglesa.

TALENTO Teve a oportunidade de ver seu pai em campo?

Fui a poucos jogos, porque nasci em 70 e ele terminou a carreira em 76 no México. Mas me recordo

“Larguei tudo para trabalhar como jornalista e ganhar menos do que como professor”

mais a Glória Maria, o Heraldo Pereira... Me enxergava mesmo em jornal impresso.

Escreveu para quais jornais?

Admito que, quando me formei em 96, achei que nunca iria atuar como jornalista, pois continuava dando aulas de inglês. E pensava o seguinte: se estava difícil para os meus colegas de turma, que já estagiavam desde os primeiros anos da universidade, arrumarem emprego na área, imagina para mim, que jamais havia trabalhado com jornalismo... Mas, no meio de 97, minha namorada (mulher hoje) e umas amigas viram um anúncio de recrutamento de recém-formados para integrar a equipe do Lance!, que estava para ser lançado. Como era o meu mês de férias, fui com elas e passei.

Deve ter ficado eufórico.

Olha, foi difícil tomar a decisão de abandonar as aulas que eu dava, porque tinha ralado bastante para começar a receber um salário melhor como professor e, quando consegui isso – havia comprado

“Minha banda, Casa Rasta, foi atração fixa do Tortó Bar às quintas por quatro anos”

até o meu primeiro carro –, larguei tudo para ir para o Lance! e ganhar quatro ou cinco vezes menos do que como professor.

Como a televisão apareceu no seu caminho?

Com oito meses de Lance!, eu recebi convite para ser repórter da TV *Tribuna*, devido ao trabalho que estava fazendo na cobertura do Santos. Jamais tinha pensado em trabalhar na tevê, mas fui até a emissora conversar. Mesmo tendo deixado claro que não possuía experiência em vídeo, eles me testaram e falaram que, apesar de estar cru, levava jeito. Fiquei dois anos e meio na TV *Tribuna* e, em 2000, fui para a Globo São Paulo, onde já estou há 16 anos. Meu ingresso na Globo foi gradativo.

Primeiro, cobri a folga de um repórter num fim de semana em que eu não devia trabalhar. Mais tarde, me chamaram para ficar 15 dias na emissora, depois um mês e, aí, veio o convite definitivo.

MÚSICA É verdade que você já teve banda?

Sim. Ela se chamava Casa Rasta. Eu era o vocalista e misturávamos canções próprias com sucessos de grandes nomes do reggae. Tudo começou com a gente tocando em festinhas da faculdade, até que passamos a ser convidados para nos apresentar em bares, casas noturnas e festivais da Baixada Santista e do Litoral Norte. Fomos atração fixa do Tortó às quintas por quatro anos.

O que mais escuta além de reggae?

Samba de raiz, jazz e pop dos anos 80. Antigamente, ia a muitos shows. Atualmente, quando desço com minha mulher e filhos para visitar a família em Santos, gosto de ir, de vez em quando, ao Ouro Verde, barzinho do Marapé que tem samba da velha guarda aos sábados. ●